

Piratini prepara estudo para novo desenho da Malha Sul

Consultoria terá dez meses para avaliar nova concessão ferroviária

/ INFRAESTRUTURA

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

Diante das divergências sobre o futuro da Malha Sul Ampliada, o governo gaúcho iniciou ontem um estudo próprio para avaliar alternativas ao modelo de concessão elaborado pela União. O trabalho terá um primeiro diagnóstico até dezembro e deverá analisar desde a infraestrutura ferroviária e os gargalos logísticos até a demanda dos setores produtivos.

O início dos trabalhos foi anunciado ontem no Palácio Piratini, em Porto Alegre. O estudo será conduzido por um consórcio contratado pelo Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), em iniciativa articulada pelo Conselho de Desenvolvimento e Integração Sul (Codesul).

A consultoria terá até dez meses para concluir o trabalho, mas deverá apresentar antes disso diagnósticos preliminares e diferentes cenários. A intenção é que essas primeiras informações já possam ser utilizadas nas discussões com o governo federal sobre a futura concessão.

“Antes do produto final, a gen-

te já tem um diagnóstico combinado com vários cenários, dados que vão ajudar a trazer conclusão no processo de discussão com o governo federal sobre a concessão”, afirmou o governador Eduardo Leite. O estudo foi contratado pelo valor de R\$ 5,49 milhões.

A iniciativa envolve Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso do Sul e surge em meio a divergências dos estados em relação ao modelo estudado pela União para a ferrovia. Durante a apresentação, Leite afirmou que os governos estaduais vinham buscando acesso às informações utilizadas na formulação federal e contestou a avaliação de que o RS teria ingressado tardiamente no debate.

Segundo o governador, o Estado passou a se manifestar sobre a proposta assim que teve acesso aos dados que embasavam o modelo. O objetivo agora é construir uma avaliação própria, com informações técnicas capazes de sustentar as posições dos estados na discussão.

O trabalho abrangerá aspectos estratégicos, técnicos, operacionais, institucionais, econômico-financeiros e regulatórios da Malha Sul. Entre os objetivos estão pro-

duzir um diagnóstico integrado do sistema, avaliar o modelo apresentado pela União, identificar gargalos físicos e analisar a conexão das ferrovias com os principais complexos portuários.

O secretário estadual de Logística e Transportes, Clóvis Magalhães, afirmou que o Estado tentou, ao longo dos últimos dois anos, participar da construção do novo modelo junto ao governo federal. Para ele, a situação da ferrovia tem impacto direto sobre a competitividade da economia gaúcha.

“Poderemos construir soluções baseadas em evidências técnicas, que considerem peculiaridades de cada Estado relacionadas a importantes indicadores como eficiência logística e competitividade dos nossos setores produtivos”, disse.

Diretor de Planejamento do BRDE, Leonardo Busatto destacou que o estudo terá uma abordagem regional e deverá considerar não apenas a infraestrutura existente, mas também as necessidades futuras dos setores produtivos. “O novo modelo precisa contemplar uma integração com os nossos portos e o restante do País, algo alinhado com nossas potencialidades”, explicou.

RS cria fundo para seguros contra desastres climáticos

Depois de mais uma madrugada marcada por temporais e ventos fortes no Rio Grande do Sul, o governo do Estado apresentou ontem, no Palácio Piratini, em Porto Alegre, um mecanismo para ampliar a proteção financeira contra eventos extremos. Com aporte inicial de R\$ 102 milhões, o Fundo Gaúcho de Riscos Climáticos pretende estimular a oferta de seguros contra inundações, inicialmente para residências e prédios públicos.

A proposta parte de um problema evidenciado pela enchente histórica de maio de 2024: diante de prejuízos bilionários e da maior exposição do Estado a eventos extremos, seguros podem ficar mais caros ou até deixar de ser oferecidos em áreas consideradas de alto risco. O fundo busca fazer o poder público assumir uma parcela desse risco para incentivar as seguradoras a ampliar as coberturas.

Na apresentação, o governador Eduardo Leite relacionou a criação do instrumento à sequência de eventos climáticos enfrentados pelo Estado. “Temos que estar organizados, preparados, não apenas do ponto de vista da infraestrutura”, afirmou. Segundo ele, além de obras, diques e realocação de famílias em áreas vulneráveis, “é necessário garantir que seguros estejam disponíveis e tenham preços acessíveis”.

Um estudo utilizado pelo governo dimensiona esse problema: somente na enchente de 2024, os danos patrimoniais em imóveis, negócios, lavouras e veículos chegaram a R\$ 41,3 bilhões. As perdas de receita de empresas, trabalhadores e governos foram estimadas em R\$ 34,1 bilhões, enquanto outros R\$ 13,5 bilhões foram gastos em ações adicionais para enfrentar a cheia.

Ainda assim, o seguro cobriu

apenas uma pequena parcela dessa conta. Apesar de 2024 ter registrado um pico histórico no pagamento de sinistros no Rio Grande do Sul, as indenizações representaram menos de 10% dos danos e perdas econômicas estimados, conforme os dados apresentados pelo Estado.

A lógica é fazer o Estado compartilhar parte do risco hoje assumido pelas seguradoras. Para isso, os R\$ 102 milhões poderão ser utilizados na compra das chamadas Letras de Risco de Seguro (LRS). Por meio desses títulos, parte do risco relacionado às apólices pode ser transferida e absorvida pelo fundo de investimento. “Não é uma solução estatista, ela é uma solução de mercado”, resumiu a secretária estadual da Fazenda, Pricilla Santana. “A intenção é utilizar o recurso público para estimular a oferta de seguros e mobilizar capital privado”, diz.



Gerson Anzzulin
atencaonoseguro@gmail.com

Atenção no seguro

INFORME PUBLICITÁRIO

A nova era de distribuição de seguros

O 24º Congresso Brasileiro de Corretores de Seguros foi realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 27 e 29 de agosto. A nova era de distribuição de seguros foi o tema central do evento, que contou com a participação de representações dos corretores, seguradoras, mercado econômico e autoridades. Nesta entrevista, o vice-presidente da Federação Nacional dos Corretores da Região Sul, Ricardo Pansera, fala sobre a importância do Congresso.

- **Quais foram os destaques do evento?**

Tivemos diversas abordagens, como a distribuição de seguros. O corretor precisa repensar esse ponto, pois é necessário acompanhar toda a evolução da Inteligência Artificial e aplicar nos seus negócios, no benefício do consumidor, que é a razão do profissional estar evoluindo. Torna-se vital buscar a modernização, melhores soluções, custos e coberturas.

- **Os corretores estão devidamente adaptados à evolução tecnológica?**

A IA está inserida em todos os segmentos, especialmente nos negócios de seguros. É uma nova convivência que o corretor precisa adotar no seu negócio, tanto no marketing como na questão operacional da sua corretora.

- **Qual a avaliação feita sobre a nova Lei do Seguro? Benéfica? Aumenta a responsabilidade do corretor com a nova legislação?**

Sem dúvida. A responsabilidade aumenta para todos. Aqueles que não se profissionalizarem vão ter dificuldades de sobrevivência no mercado. O novo marco legal dos seguros determinou mudanças nas regras. Para o consumidor, a principal alteração é a previsibilidade, sendo o grande beneficiado. O corretor de seguros é o profissional que vai estar ao lado e na defesa dos direitos do segurado. O primeiro ano desta legislação é um período de adaptação para corretores, seguradoras, consumidores e o segmento jurídico. A Fenacor e os sindicatos regionais estão preparando os corretores para adaptarem-se a nova legislação.

- **O corretor deixou de ser um vendedor para se tornar um consultor?**

Cada vez mais. Hoje o corretor tem que abordar a proteção financeira. Isso ganhou força nos últimos anos. Temos a distribuição de consórcios, que cresceu muito no país em função do impulso das vendas pelos corretores de seguros. É uma venda consultiva e não a venda tradicional, com o corretor tendo a responsabilidade de acompanhar o seu cliente do início ao fim. Esse é um novo nicho de mercado.

- **O corretor continua sendo um ator preponderante na distribuição do produto seguro?**

Sim. Ele é o profissional habilitado, adequado e preparado para atender os consumidores. O corretor tem a responsabilidade de proporcionar as melhores soluções para os seus clientes. A tendência é de os profissionais segmentarem sua atuação, aperfeiçoando a própria carteira que criou com o seu trabalho.



Ricardo Pansera: “O corretor de seguros é o profissional que vai estar ao lado e na defesa dos direitos do segurado”

CRÉDITO: ARQUIVO PESSOAL

Proteção começa sempre com **informação.**

Siga o SINDSEGRS nas redes sociais para conhecer tudo sobre o Mercado Segurador, de forma didática e envolvente.

Sindsegrs 130 anos

